

Revista de Literatura,
História e Memória

Narrativas da Memória:
O Discurso Feminino

ISSN 1809-5313

VOL. 3 - Nº 3 - 2007

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 145-156

EUGENIA: ENTRE O CRIADOR E A CRIATURA – UM ENFRENTAMENTO PRESENTE EM *NIEBLA* (1914), DE MIGUEL DE UNAMUNO

ORLANDO, Andréia Fernanda (G – UNIOESTE)¹

SBARDELOTO, André (G – UNIOESTE)²

FLECK, Gilmei Francisco (UNIOESTE/PG UNESP – Assis)³

RESUMO: Este artigo resulta de análise e reflexões sobre o romance *Niebla*, (1914), por Miguel de Unamuno – autor espanhol que critica severamente a sociedade, a política e a religião, ao expressar preocupações acerca de tensões dialógicas presentes na sociedade de sua época especialmente àquelas voltadas a questões existenciais. Analisaremos como o autor retrata a vida cotidiana espanhola do final do século XIX e início do século XX, sob as diretrizes de alguns traços característicos das obras do realismo/naturalismo espanhol, em relação ao gênero e período literário na qual a obra se insere. Teceremos reflexões a respeito do tempo, circunstâncias espaciais e voz enunciativa do discurso. Deste modo nos centraremos nas ideologias dessa sociedade, ainda bastante medievalistas, cujos valores são masculinos e simbolizados na obra pelas ações de Augusto Pérez. Tal fato acaba se refletindo na tomada de decisões e ações executadas pelas personagens femininas desta obra. Refletiremos sobre a construção discursiva das personagens protagonistas femininas e suas relações com os valores que lhes eram impostos. Assim, buscaremos evidenciar como estes aspectos aparecem nas configurações das personagens e os meios utilizados para que sejam revelados pela voz enunciativa do discurso que as constrói e singulariza. Esses dados são de fundamental importância para a compreensão da essência do espírito espanhol, segundo intencionava retratar com objetividade a escrita de Unamuno. Preocupar-nos-emos, ainda, em verificar se a voz destas personagens femininas representa um discurso de submissão, de libertação ou se o seu criador lhes nega o direito a tal manifestação e existência.

PALAVRAS-CHAVE: Realismo/Naturalismo espanhol; Miguel de Unamuno (1914); discurso feminino.

ABSTRACT: This article results from an analysis and reflections on the novel *Niebla* (*Mist*) (1914), by Miguel de Unamuno – Spanish author who severely criticizes the society, the politics and the religion by expressing his concern on the dialogical tensions present in the society of his time, especially those related to existential issues. We will analyse how the author portrays the Spanish everyday life of the end of the nineteenth century and beginning of the twentieth century, based on some characteristic features of the Spanish Realism/Naturalism's works concerning the genre and the literary period in which the novel was written; we will also present some reflections on the time, space and enunciative voice of the discourse. We will focus the ideologies of that society, which are still of a medieval nature and whose values are predominantly masculine and symbolized in the novel by the actions of Augusto Pérez. Such fact reflects on the decisions taken and actions

performed by the female characters of this novel. We will discuss the discursive construction of the female protagonists and their relations with the values which were imposed to them. Thus, we will attempt to show how these aspects appear in the characters' configuration, as well as the means used to reveal such aspects by the enunciative voice of the discourse that builds and singularize the female protagonists. These data are fundamentally important for understanding the essence of the Spanish spirit, as Unamuno's writing intended objectively to portray. We will also aim at verifying if these female characters' voice represents a discourse of either submission or liberation, and if their creator denies their right to such manifestation and existence.

KEYWORDS: Spanish Realism/Naturalism; Miguel de Unamuno (1914); feminine discourse.

O romancista espanhol Miguel de Unamuno introduz, especialmente em sua obra *Niebla* (1914), uma série de inovações no modo de narrar de sua época. Tal aspecto confere à sua narrativa, além de características específicas do Realismo/Naturalismo – que na Espanha não alcançou a dimensão inovadora que esta escola logrou na França e outros países – um tom singular no qual se destaca, segundo registra o crítico literário Ángel del Río (1998, p. 385), um “carácter intelectual y humorístico, basadas en el conflicto entre las ideas y las fuerzas que rigen el destino del hombre” como “voluntad de ser y angustia de la nada, azar y esencia de la personalidad en *Niebla*”.

Ao analisar a produção literária e a qualidade das obras de Unamuno, del Río (1998) registra que estas são

[...] obras de tremenda concentración y técnica muy personal, difíciles de encasillar en las formas de la narración moderna; si nos atenemos al esquema abstracto que siempre es preciso buscar detrás de Unamuno, despreciador de abstracciones, acaso fuera posible un intento de clasificación: [...] *Niebla*, novela metafísica o lo que hoy llamaríamos existencial: ser y no ser; la nada y la personalidad. (DEL RÍO, 1998, p. 385)

Já no prólogo da obra se revelam traços inovadores da escrita de Unamuno, pois a voz enunciativa do discurso deste prólogo não é a do autor, mas sim, a de um dos personagens da obra – Victor Goti – que, por um instante, se incorpora ao mundo dos homens de carne e osso para, daí, emitir opiniões e comentários acerca da obra e do caráter de Unamuno. O autor comenta que sua “novela” não é mais que uma “*nívola*”, um gênero que traz uma ação rápida, com muito diálogo e centrada no que pode acontecer com as personagens, bem como nos pensamentos dos protagonistas.

Esta narrativa de Miguel de Unamuno (1914) consiste na história de Augusto Pérez, um jovem rico e formado em Direito, que, após a morte de seus pais, não sabe o que fazer de sua vida. Certo dia, caminhando sem rumo, conhece uma moça muito bonita,

que era pianista. Tratava-se de Eugenia Domingo del Arco, pela qual Augusto se apaixona. A partir deste momento, o jovem protagonista passa a conhecer o que é a vida, dando-lhe grande valor e sofrendo com a simples idéia da possibilidade da morte. Augusto encontra em Eugenio a força de caráter e a vontade que nele faltam e passa a sentir-se vivo, conseguindo, inclusive, libertar-se de parte do passado que o atormenta.

Ao buscar descobrir quem é a moça, Augusto conhece os tios dela: Don Fermín, um anarquista, e Doña Hermelinda, com quem ela mora, já que é órfã. Ao tentar cortejar Eugenia, Augusto é avisado de que ela é noiva de Mauricio. Isto, contudo, não é capaz de afastá-lo de seu propósito: conquistar Eugenia. Paralela a esta relação, Augusto mantém outra com Rosario, uma de suas ajudantes nos serviços domésticos, já que agora sabe e aproveita os prazeres da existência e busca vivê-los com intensidade.

Depois de algum tempo, Eugenia, movida por uma briga com seu noivo, decide aceitar Augusto como futuro esposo. Desse modo, marca-se o dia do casamento mas, antes que este se realize, Augusto recebe uma carta de Eugenia, na qual ela lhe diz que não se casará e que irá embora com Mauricio para um outro povoado no qual ele iria trabalhar graças a um emprego arrumado por Augusto.

Sabendo disso, Augusto decide suicidar-se, mas antes vai a Salamanca ver outra personagem: Unamuno. Com este, ele mantém um diálogo memorável, no qual se distinguem os papéis de criador e criatura ou de Deus e sua obra. Augusto recebe de Unamuno – personagem que atua como um Deus nesse romance – a revelação de que ele não existe, pois nada mais é do que uma criatura de ficção, um ente de papel e tinta, o qual está destinado a morrer por desígnio de seu criador e não por meio de uma decisão própria de suicidar-se. Tal fato implicaria uma decisão somente sua, sem intervenção de um Deus que governa a existência de suas criaturas, o que iria contra os desígnios divinos e todas as tradições. Os mais profundos sentimentos de angústia, de conflitos de personalidade, da filosofia existencialista se vêem retratados neste diálogo. Conforme comenta Milagros Rodríguez Cáceres (1991, p. 34) “se traza un perfecto paralelo entre la vida de los hombres y la de los entes de ficción. Unos y otros serán aniquilados en el momento en que el ser que los creó – Dios o el autor – deje de soñarlos”.

Diante desta revelação, Augusto discute sobre o caráter efetivamente real de Unamuno, desafiando-o ao dizer-lhe que ele – ser de carne e osso –, assim como todos os leitores dessa obra, hão de morrer algum dia e que ele, ao contrário de Unamuno, sempre permanecerá vivo, uma vez que sua história se manterá escrita e lida por muitas pessoas. Supõe, ainda, que o criador pode estar sendo enganado e que na verdade ele é um fruto da imaginação e que pensa ter criado tal personagem. Augusto abandona Salamanca muito confuso, deixando também Don Miguel – o Unamuno – muito perturbado. Augusto volta a sua casa, onde morre junto a seu cão – Orfeo.

Sendo assim, neste romance, o enfoque central não é dado às ações ou conflitos existentes entre as personagens, mas sim ao que o destino tem reservado para elas, bem como o que estas fazem e representam na sociedade, já que, segundo Lukács (*apud* TADIÉ, 1992, p. 67), as personagens não se desenvolvem de acordo com a vontade e criatividade do escritor, mas conforme a “dialética interna de sua existência social e psicológica”. Assim, dá-se uma ênfase especial às inquietudes espirituais do protagonista Augusto Pérez, as quais são intensificadas após conhecer Eugenia.

Para que o leitor tenha acesso e possa conhecer o que pensam as personagens principais da obra, Augusto e Eugenia, o narrador vale-se de algumas estratégias narrativas inovadoras para a época. Exemplos disso são os monólogos interiores, como se pode ver no fragmento que segue, no qual Eugenia, depois de uma discussão com seu noivo, Maurício, externaliza sua concepção sobre os homens: “*Pero ¡qué brutos, ¡qué brutos!*” (UNAMUNO, 2005, p. 73). Embora Eugenia não possa, pelas convenções sociais às quais está atrelada, manifestar publicamente suas idéias acerca do outro sexo, o leitor pode compartilhar de suas opiniões pela técnica narrativa empregada.

Outro exemplo de emprego dos monólogos como técnica para revelar o mundo interior das personagens, sem cair na subjetivação romântica, dá-se com Augusto quando este compartilha seus pensamentos com seu cão Orfeu – um interlocutor que acaba simbolizando o lado irracional do homem e a condição animal do próprio ser humano, que se faz de mudo diante das misérias, angústias e sofrimentos vivenciados pelos seus semelhantes. De acordo com a análise de Rodríguez Cáceres (1991, p. 38), “[...] de todos los personajes que intervienen en la novel, el que más se humaniza a nuestra vista es, paradójicamente, Orfeo [...]”. O seguinte fragmento exemplifica como esse aspecto confere à obra um dos principais traços do Realismo/Naturalismo: “Mira, Orfeo – le decía silenciosamente –, tenemos que luchar. *¿Qué me aconsejas que haga? Si te hubiese conocido mi madre [...]*” (UNAMUNO, 2005, p. 59).

Esses traços realista/naturalistas podem ser vistos também no episódio em que se mostra a aflição de Eugênia perante a atitude de Augusto de pagar a hipoteca de sua casa, pois, nessa ação, ele deixa transparecer o seu papel superior em relação à mulher por meio de sua compra, ou seja, através de uma troca de favores: quitar a dívida em troca de seu amor. Na seguinte passagem do capítulo XV, podemos perceber a revolta da personagem: “No quiero héroes. Es decir, los que procuran serlo. Cuando el heroísmo viene por sí, naturalmente, ¡Bueno!; pero ¿por cálculo?; ¡querer comprarme!, ¡querer comprarme a mí, a mí!” (UNAMUNO, 2005, p. 113). A indignação de Eugenia perante os métodos utilizados pelos homens para garantir-lhes a companhia da mulher que desejam evidenciam claramente a sua posição contrárias frente às convenções sociais da época. Essa configuração discursiva da personagem

feminina, que tem relances de consciência de seu valor e, por alguns instantes, está disposta a enfrentar a sociedade para não ver-se anulada como indivíduo capaz de fazer suas próprias escolhas, presente na obra de Unamuno (2005), é um aspecto que, pela época em que a obra foi publicada, revela uma preocupação social do autor com relação ao papel da mulher na sociedade.

A busca da objetividade e neutralidade leva o autor a eleger, segundo as convenções de Gerard Genette (s/d), um narrador extradiegético para conduzir a tessitura da narrativa, possibilitando-lhe também deslocar-se para dentro da mente das personagens para, daí, revelar pensamentos, opiniões, angústias e opressões. Por este meio se evidenciam também as ideologias reinantes na época e o leitor pode tomar ciência do caráter e da personalidade das personagens.

Como no caso de Eugênia que, através das vozes e visões masculinas de Mauricio e Augusto, é mostrada de forma idealizada, parecendo-lhes como um ser sublime. No entanto, quando se analisa seus pensamentos, expressões e atitudes, vê-se uma mulher enfraquecida, que, ao tentar fugir dos clichês sociais relacionados às condições existenciais da mulher, acaba se submetendo a eles. Um exemplo disso é sua fuga com Mauricio por não encontrar outro modo, socialmente aceitável, de realizar seu desejo de casar-se com ele, embora tal atitude também revele certa rebeldia e inconformismo com as convenções que lhe são impostas. Sua voz, quando se manifesta em público, assim como suas ações, ao contrário do que se revela quando medita no silêncio e omissão de sua privacidade, também revela sua submissão aos estereótipos sociais que subjagam o valor feminino. Esta dialética de opostos, entre o pensar e o falar, o sentir e o agir, conferem à personagem a sua consistência psicológica. São estes traços antagonísticos que reproduzem fielmente a realidade vivenciada pela sociedade na qual Eugenia está inserida.

Esta dualidade pode ser perfeitamente reconhecida quando Eugenia enfrenta-se com Augusto e busca, por meio de seu discurso consciente da situação em que se encontra, pôr-se, ao menos no plano moral, em pé de igualdade com ele, desafiando os valores machistas da época, como revela o fragmento a seguir: "Augusto, ya que tú, que eres al fin y al cabo un hombre, no te crees obligado a guardar la palabra, yo, que no soy nada más que una mujer, tampoco debo guardarla." (UNAMUNO, 2005, p. 190).

Unamuno acentua em sua obra o machismo da personagem Augusto Pérez, que se crê apaixonado por todas as mulheres depois que conhece Eugenia. Por não saber como agir em tal situação, a personagem pede um conselho à Dominga, que, ao dar-lhe uma resposta, evidencia o discurso machista e o modo como a sociedade governada por estes valores centrados nos interesses masculinos pensa da mulher. Na voz da personagem Dominga, a consciência do homem a respeito da condição

da mulher na sociedade é revelada: “Si tiene mucho dinero y muchas agallas, casarse con todas ellas [...] lo que le molesta a una mujer es que su hombre la ponga a ración de comer, de vestir, de todo lo demás así, de lujo; pero si le deja gastar lo que quiera [...]” (UNAMUNO, 2005, p. 153). O tom crítico de Unamuno é dirigido à sociedade porque, nessa época, ela era vista e constituída por valores quase que exclusivamente masculinos e, também, porque essa é uma das principais características do Realismo/Naturalismo: mostrar a vida como verdadeiramente ela é, desmascarando a sociedade para relatar o que as pessoas tentam omitir: falta de caráter, degradação humana e os ambientes degradados como periferias e ruas que, no caso de *Niebla*, são amplamente expostos, posto que as maiores reflexões acerca da vida, de Eugenia e do amor em si feitas por Augusto se dão na rua, enquanto caminha sem rumo.

Na voz de Augusto, muitas vezes, essas questões são delatadas, principalmente em seus monólogos ou em suas conversas com Orfeo. Exemplo disso é quando ele fala sobre as pessoas e o produto social que delas se origina: “lo que es producto social es la mentira” (UNAMUNO, 2005, p. 153) e, ainda, “no hacemos sino representar cada uno su papel” (UNAMUNO, 2005, p. 136). Com o emprego de uma linguagem precisa, objetiva e sem artifícios, o narrador, assumindo a visão de mundo de Augusto e valendo-se de sua voz, emite seus juízos sobre a sociedade. Quando Eugenia opõe-se a ele, não há apenas o enfrentamento entre as personagens, porém um embate de discursos, embora um sempre prevaleça sobre o outro.

A significação dos nomes nesse romance também contribui para a construção do sentido da história e para a caracterização das personagens. Por exemplo, o título da obra – *Niebla* – remete-se a algo difuso, impreciso, vago e que pode ser relacionado, primeiramente com estes embates de discursos, e, mais precisamente ainda, com a angústia e a dúvida da real existência de Augusto depois que este é enganado por Eugenia. Esta angústia que Augusto sente no decorrer da narrativa se espalha como névoa. Não há certezas e predominam os questionamentos, a ponto de o narrador deixar o final em aberto e o leitor envolto numa neblina, para decidir, em seu íntimo, o final mais adequado para a personagem Eugenia, contestadora de todas as certezas. Conforme expõe González Egido (2002:78), a eleição deste título metafórico encontra-se justificado em várias passagens do texto, desde o Prólogo: “Me sentí envuelto en la niebla histórica de nuestra Espana”. O autor menciona, também, que “después continuará sus alusiones: ‘salir de la niebla, vivir, vivir [...]’; la vida cotidiana viene embozada en una inmensa niebla [...] y la vida es esto, niebla’; el anhelo del hombre es ‘la visión perfecta, el resolverse la niebla [...]’”. (GONZÁLEZ EGIDO, 2002, p. 78).

Como o ambiente que se apresenta em *Niebla* é a sociedade espanhola do final do século XIX e começo do século XX, representada com toda sua forma-

lidade, com classes sociais bem marcadas, dá-se ênfase nessa obra a essa divisão social ao contrapor duas realidades totalmente distintas que são a de Augusto, que, pela origem latina do nome, já denuncia uma pessoa proveniente da classe alta da sociedade, pois o significado do nome denota alguém venerado, sublime, cuja única ocupação é filosofar sobre a vida e sobre os problemas e inquietudes que o acometem, e a de Mauricio – noivo de Eugenia – pertencente a classe baixa da sociedade. Mauricio, além de ser pobre, é preguiçoso, já que não trabalha e dedica seu tempo a galanteios e a cortejos. O significado de seu nome provém do latim e remete-se aos povos mouros, identificados como aqueles de pele escura e vistos como os invasores e usurpadores das terras cristãs da Península Ibérica.

É o protótipo do “espanhol viejo, de sangre limpia”, orgulhoso de seu estado e raça), rico, bem educado e de boa família e do “cristiano nuevo – converso” sempre em busca de um salvo-conduto que lhe permita entrar na sociedade), pobre, sem educação e sem vontade (nem possibilidade, a não ser por meio da ajuda de um membro da alta sociedade que lhe oportunize crescer intelectual e profissionalmente. Já Eugenia é aquela cujo nome representa uma pessoa bem nascida, nobre; entretanto, sua realidade não condiz com o significado de seu nome, uma vez que seu pai morre, e ela tem que trabalhar em uma profissão que não lhe agrada para pagar uma dívida que ele deixou. Esse desamor pela profissão que exerce é perceptível no trecho em que ela e Augusto conversam a esse respeito: “Conozco, señorita, su gran amor al arte – ¿Al arte? ¿A cuál, al de la música? – ¡Claro está! - ¡Pues le han engañado a usted, don Augusto!” (UNAMUNO, 2005, p. 73). A configuração desta personagem feminina remete sempre aos opostos, às dualidades, aos embates, às contradições. Por meio desta configuração, o narrador busca revelar ao leitor mais atento as distintas nuances e ambigüidades, quando não falsidades e hipocrisias dos valores sociais e a sua manutenção em espaços públicos e negações em espaços privados da sociedade espanhola da época.

Eugenia mostra-se uma mulher independente, de caráter forte e impetuoso, que se diz orgulhosa de sua condição de mulher e convencida de que todos os homens são brutos, como podemos perceber no trecho em que sua tia lhe fala sobre Augusto: “Él viene trás de ti y es un mozo joven, no feo, apuesto, bien educado, fino y sobre todo rico, chica, sobre todo rico [...]. – Pues que se quede con su riqueza, que si yo trabajo no es para venderme” (UNAMUNO, 2005, p. 65). Além disso, ela tentou colocar-se contra os convencionalismos, tendo essa sua tentativa frustrada, uma vez que se apaixona por um tipo de homem depreciado pela sociedade da época. Ela tem que trabalhar, embora tenha sido educada segundo os moldes sociais que previam que a mulher deveria saber tocar piano. Enfim, a dualidade de sua personali-

dade se revela mais uma vez quando se rende à proposta de Augusto de pagar-lhe sua hipoteca, aceitando casar-se com ele. Ao não cumprir com sua promessa, o caráter dúbio que determina sua configuração discursiva vê-se reforçado.

Essa constante troca de decisões, comportamentos, atitudes demonstram a incapacidade de Eugenia de fugir às regras e, ao mesmo tempo, a busca pela sua libertação. Num primeiro momento, ela despreza Augusto e sua proposta de casamento, dizendo que já é noiva e apaixonada. Tempos depois, discute com Mauricio e resolve aceitar seu pedido, perante seus tios: "Mire usted, tío [...] aquí tiene usted a don Augusto Pérez, que ha venido a pedirme la mano. Y yo se la he concedido" (UNAMUNO, 2005, p. 191). Mais tarde, conversando com Mauricio, resolve fugir com ele, e viver num povoado em que havia um trabalho para Mauricio, conseguido por Augusto. O trecho que se segue foi extraído da carta deixada por Eugenia, demonstrando a transformação de seu caráter, pois, numa sociedade em que não era permitido tal tomada de atitude por parte de uma mulher, essa passa a ser vista como uma pessoa sem caráter, mentirosa, aproveitadora e indigna: "Apreciable Augusto: Cuando leas estas líneas yo estaré con Mauricio camino del pueblo adonde éste va destinado gracias a tu bondad [...], que con el sueldo de él nos permitirá vivir juntos [...]" (UNAMUNO, 2005, p. 203). Uma atitude corajosa, tomada por uma mulher dividida entre a submissão às convenções sociais e o leve despertar de uma consciência feminina.

Nesse sentido, constatamos que Eugenia não é nada mais que um reflexo do meio em que foi criada, visto que todas as mulheres envolvidas no contexto no qual ela se encontra configurada representam os papéis sociais que a elas eram impostos e cujas atitudes e pensamentos já eram predeterminados. A respeito disso, Goldmann (*apud* TADIÉ, 1992, p. 174) afirma que o artista "não copia a realidade", mas "cria seres vivos", por meio dos quais exprime suas intuições e seus sentimentos no que tange aos fatores essenciais à sua época, e que a verdadeira criação cultural é aquela que abrange os grupos sociais e não pessoas isoladas. Deste modo, pode-se ver refletida na personagem Eugenia, e em suas dualidades, uma grande parte das mulheres espanholas do século XIX e começo do XX, que, sufocadas pelos valores masculinos da época, buscavam seu espaço de realização pessoal, mesmo que isso significasse impor-se aos ditames rígidos do sistema e acabar menosprezadas por ele.

Assim, a obra de Unamuno (1914), ao apresentar distintas classes de mulheres, como, por exemplo, Liduvina – a empregada de Augusto, pertencente à classe trabalhadora e menos favorecida da sociedade; Rosario – uma bonita mulher que servia a Augusto profissionalmente, enquanto servente doméstica, e sexualmente, quando era desprezado por Eugenia e precisava de consolo; Ermelinda – a tia de Eugenia, já enquadrada aos moldes sociais, cujas falas definem uma senhora de classe média, "sensata", que queria ver a sobrinha casada com um homem rico para que

ela deixasse de trabalhar e voltasse a integrar a sociedade a qual sempre pertencera; retrata o mundo existencial das mulheres em suas diferentes esferas sociais, evidenciando seus valores e suas posições diante das convenções sociais às quais estavam sujeitas.

As mulheres pintadas por Unamuno aparecem configuradas de forma negativa no discurso do narrador, ao valer-se da voz do filósofo Paparrigodos e por meio dele revelar que, para ele, as mulheres não possuem alma, como podemos confirmar a partir do fragmento seguinte: “habría que empezar por plantear una primera cuestión, y es la de si la mujer tiene alma [...] que así como cada hombre tiene su alma, las mujeres todas no tienen sino una sola y misma alma, un alma colectiva [...], repartida entre todas ellas” (UNAMUNO, 2005, p. 175). Em outros momentos da narrativa, a dualidade é novamente estabelecida, como a névoa que se espalha, e as mulheres são configuradas positivamente. Um dos momentos em que isso se dá é quando a lembrança da mãe de Augusto comove a personagem e ele se entenece. Os sentimentos nobres das mulheres são também apresentados, pois, Rosário ama Augusto por compaixão, Liduvina é a criada sensata e sutil e dona Sinfo se casa com don Eloíno de Castro para cuidar dele em seus últimos dias. Estes são traços positivos destas personagens, embora todas elas tenham suas debilidades e qualidades individuais e intransferíveis.

É ainda bastante interessante ressaltar a preocupação de Unamuno com a situação da mulher na sociedade. Para evidenciar, com mais clareza e precisão, as concepções que o homem fazia da mulher nesta época, a trama romanesca encaminha-se para um fato interessante: o jovem Augusto decide iniciar um projeto de pesquisa sobre a psicologia feminina e opta por utilizar como objeto de estudo três das mulheres pelas quais sentia maiores atrações – Eugenia, que era a principal delas; Rosario e Ludivina. Fazer da mulher objeto de análise e pesquisa conferem à sua obra um caráter experimentalista, típico das narrativas naturalistas. O tom irônico e ao mesmo tempo crítico é evidenciado nas conclusões da personagem Augusto, ao analisar o papel destas três mulheres “cobaias” em sua existência. Vejamos como o narrador expõe essas idéias:

Tengo, pues, tres: Eugenia, que me habla a la imaginación, a la cabeza; Rosario, que me habla al corazón, y Liduvina, mi cocinera, que me habla al estómago. Y cabeza, corazón y estómago son las tres facultades del alma que otros llaman inteligencia, sentimiento y voluntad. (UNAMUNO, 2005: 179)

Desta forma, através da metáfora do corpo e suas partes constituídas por diferentes mulheres, o homem revela a sua constituição. Assim, nas palavras de Augusto, pode-se ler que, para que um indivíduo seja completo, estes três “fatores” devem integrar a sua constituição. Isto reforça a teoria machista, presente na

ideologia das personagens masculinas, de que as mulheres não têm alma, mas sim que elas apenas compartilham uma única alma – a do homem – à qual elas necessariamente estão atreladas. Desta forma, a mulher não seria um ser completo como, por natureza é o homem, segundo as ideologias vigentes na sociedade da época, mimetizadas na obra de Unamuno (2005).

Em relação à manipulação do tempo pelo narrador ao longo da narrativa, pode-se dizer que prevalece a linearidade sobre as anacronias; embora no capítulo XIV se veja a presença de uma história que foge ao argumento principal, esta não altera a ordem cronológica da narrativa. As ações narradas ambientam-se em um pequeno povoado nas proximidades da cidade de Salamanca, na Espanha, e apresentam traços marcantes do período histórico do final do século XIX e início do XX, visível ao leitor por meio das descrições magistras feitas pelo narrador, que retrata as personagens, seus hábitos, costumes, crenças, além dos ambientes e da atmosfera reinante naquele período. Nestes aspectos se revela o olhar objetivo do narrador para a realidade vivenciada pelas personagens e o seu intento de reproduzi-la, da forma mais acurada possível, o que dá à arte romanesca seus traços de Realismo/Naturalismo.

Os sentimentos de Augusto por Eugenia levam-no a duvidar de sua própria existência; e ao enfrentamento entre “criador” e “criatura”, presentes nesta obra. Tal aspecto confere à obra de Unamuno (2005) um caráter metalingüístico único, considerando-se o período de sua primeira publicação, fazendo desta obra um modelo bastante moderno, até mesmo contemporâneo, já que esta característica da metalinguagem faz-se presente nas produções romanescas pós-modernas. Merece destaque, também o fato de que o narrador silencia a voz da personagem feminina Eugenia para poder dar-lhe uma existência muito mais significativa, apenas na mente do leitor. Uma existência cujo direito lhe era negado na sociedade essencialmente machista na qual está inserida. Uma sociedade que a via como ser passivo e submisso às regras de “boa conduta e moral” impostas às mulheres da época. Ao apresentá-la com suas múltiplas dualidades, o discurso da obra lhe garante uma existência configurada dentro dos moldes do Realismo e, ao mesmo tempo, permite ao leitor uma incursão pela sociedade retratada na obra, com seus aparatos ideológicos que buscavam subordinar a existência feminina aos modelos apreciados pelos valores masculinos. O discurso de Eugenia, às vezes contestador e questionador destes modelos, ecoaria mais tarde, com total liberdade, em obras de autoria feminina que abertamente criticariam este modelo condicionador e redutor, que confinava as mulheres aos espaços domésticos. Uma leitura atenta de *Niebla* (2005), no entanto, já evidencia este leve despertar da consciência feminina. Afinal, pode-se dizer, como Ricardo Gullón (1964, p. 86), que “*Niebla es la novela del absurdo existencial, del hombre perdido en la angustia de una vida sin finalidad*”.

NOTAS

- ¹ Acadêmica do 3º ano de letras português/espanhol da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Cascavel. Integrante do projeto de pesquisa “Perspectivas metaficcionalis da poética do descobrimento: imagens americanas de Cristóvão Colombo”. E-mail: deiaorlando@yahoo.com.br
- ² Acadêmico do 3º ano de letras português/espanhol da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Cascavel. Integrante do projeto de pesquisa “Perspectivas metaficcionalis da poética do descobrimento: imagens americanas de Cristóvão Colombo”. E-mail: asbardeoto@yahoo.com.br
- ³ Professor de Literaturas Hispânicas da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Cascavel. Coordenador do projeto de pesquisa “Perspectivas metaficcionalis da poética do descobrimento: imagens americanas de Cristóvão Colombo”. Doutorando do programa de pós-graduação da UNESP – Assis. E-mail: chicofleck@yahoo.com.br

REFERÊNCIAS

GENETTE, G. *Discurso da Narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins, Lisboa: Vega Universidade, s/d.

GONZÁLEZ EGIDO, Luciano. *Miguel de Unamuno*. Valladolid: Junta de Castilla y León- Consejería de Educación y Cultura, 1997.

_____. Un hombre como todos. In: DIARIO EL PAÍS – *una invitación a la lectura – clásicos del siglo XX*. Madrid: Mateu Cromo S. A, 2002.

GULLÒN, Ricardo. *Autobiografías de Unamuno*. Madrid: Gredos, 1964.

RODRÍGUEZ CÁCERES, Milagros. *Introducción, notas y actividades a la edición de Niebla*. Colección Anaquel. Madrid: Editorial Bruño, 1991.

TADIÉ, Jean Yves. *A crítica literária no século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1992.

UNAMUNO, *Miguel de. Niebla*. La Plata: Terramar, 2005 (1914).

SITES CONSULTADOS:

http://html.rincondelvago.com/niebla_miguel-de-unamuno_6.html. Acesso em: 25 set. 2006.

<http://www.fonetedeluz.com/main.php?ver=2&id=568><http://www.fonetedeluz.com/main.php?ver=2&id=568>. Acesso em: 03 out. 2006.

<http://members.aol.com/adrianal16/niebla.html>. Acesso em: 03 out. 2006.

<http://www.monografias.com/trabajos16/niebla-unamuno/niebla-unamuno.shtml#intro>. Acesso em: 03 out. 2006.

http://html.rincondelvago.com/niebla_miguel-de-unamuno_3.htmlhttp://html.rincondelvago.com/niebla_miguel-de-unamuno_3.html. Acesso em: 16 out. 2006.

<http://members.tripod.com/~Vidales/NIEBLA.HTM><http://members.tripod.com/~Vidales/NIEBLA.HTM>. Acesso em: 16 out. 2006

www.cvc.cervantes.es/obref/aih/pdf/04/aih_04_2_031.pdf. Acesso em: 30 out. 2006.